

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



A produção do gênero textual relatório pelo aluno pesquisador no âmbito do Projeto Bolsa Alfabetização

Ana Paula P. R. Germanos

Fátima Aparecida de Souza

Este trabalho é resultado de pesquisa acerca da produção do relatório de atividades do aluno pesquisador da Universidade de Sorocaba no âmbito do Programa Bolsa Alfabetização. O referido programa vincula-se à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e subsidia bolsa de estudos a alunos dos cursos de Letras e de Pedagogia para que esses possam aprimorar a formação inicial e, conseqüentemente, atuar como docentes da rede pública de ensino. Com base nisso, o presente trabalho apresenta o seguinte problema de pesquisa: *que dificuldades os alunos pesquisadores do Programa Bolsa Alfabetização apresentam na produção do gênero textual relatório?* Para tanto, estabelece como objetivo central analisar o relatório como gênero textual produzido pelo aluno pesquisador, com base nas intervenções realizadas pelo professor regente, da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, em situações de leitura e de escrita de crianças em processo de alfabetização. Como procedimento metodológico, examinam-se dois relatórios selecionados a partir de dez textos produzidos por alunos de Letras e de Pedagogia. Para embasar a reflexão, o trabalho ancora-se nas contribuições teóricas de Bakhtin (2003), Marcuschi (2005), Kleiman (2007),

Palavras-chave: Bolsa Alfabetização. Leitura e Escrita. Gênero Textual

Considerações iniciais

O presente trabalho é resultado de pesquisa em andamento acerca da participação de alunos dos cursos de Letras e Pedagogia no Programa Bolsa Alfabetização. O referido programa foi criado pelo Decreto 51.627 de 1º de março de 2007 e institui a participação de alunos das Instituições de Ensino Superior na prática pedagógica de sala de aula, junto aos professores da rede pública estadual.

O trabalho aqui realizado decorre do fato de consideramos o espaço universitário como lugar primordial para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita. Essa perspectiva permite-nos direcionar o olhar para a formação dos chamados alunos pesquisadores do Programa Bolsa Alfabetização que atuarão como

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



professores alfabetizadores e como professores de Língua Portuguesa nos ensinos fundamental e médio da rede regular de ensino.

A implementação do Programa Bolsa Alfabetização no âmbito universitário corrobora com o que afirma Assis (2014) acerca da expansão do ensino universitário. Segundo a referida autora, essa expansão fora impulsionada por programas de políticas educacionais, nas duas últimas décadas, que possibilitaram a ampliação de vagas em universidades e em instituições de ensino superior privados. Para a autora, muitos programas permitiram a concessão de bolsas de estudo a grande parcela da população que cursou escolas públicas. Isso significa, no dizer de Assis (2014), um grande passo no sentido de democratização do ensino superior em nosso país.

Por outro lado, segundo a autora, grande parte dos estudantes do ensino superior se deparam, inicialmente, com dificuldades em leitura e escrita. É comum, contudo, que, no início da formação, as instituições de ensino superior dediquem ao menos uma disciplina à reflexão de leitura e escrita de textos acadêmico e de textos acadêmico-científicos de modo a minimizar as lacunas existentes na formação dos alunos. Esse processo permite ao aluno o desenvolvimento do discurso científico.

Assis (2014, p. 546) afirma que “o discurso científico é entendido aqui no sentido de discurso produzido no quadro de uma atividade de investigação (tomada em sentido lato), com a finalidade de construção e difusão de saberes”. Neste trabalho, tomamos o gênero relatório como discurso produzido no quadro de atividade de investigação em que os alunos pesquisadores do Programa Bolsa Alfabetização elaboram o referido gênero com base nas intervenções feitas pelo professor regente nas atividades de leitura e escrita dos alunos das classes de alfabetização.

Consideramos, também, ser essa produção uma prática de letramento que possibilita ao aluno pesquisador utilizar o gênero relatório como uma prática social que permite o acesso e o trânsito pela esfera acadêmica.

A prática de letramento é vista, neste trabalho, sob uma perspectiva de “leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem” (KLEIMAN, 2007, p. 04). Para a autora, leitura e escrita só podem ser consideradas práticas sociais se o sujeito souber como agir discursivamente em uma determinada situação, por meio de um gênero específico, ou seja, se souber que gênero utilizar. Isso porque os gêneros são unidades importantes no planejamento do discurso em uma dada situação de produção da linguagem.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



No contexto do Programa Bolsa Alfabetização, os alunos são solicitados a produzirem o gênero textual relatório como prática investigativa, portanto, como prática social por meio da qual é possível agir discursivamente em uma situação específica. Isso permite ao aluno pesquisador refletir, com base no conhecimento teórico adquirido no curso de Pedagogia ou de Letras, sobre a realidade das escolas públicas no que diz respeito às práticas de alfabetização.

Considerando o gênero como prática social por meio da qual interagimos com o mundo, apresentamos, a seguir, uma breve discussão acerca do conceito de gênero textual.

O gênero textual

No dizer de Marcuschi (2008), se considerarmos a observação sistemática dos gêneros literários realizada por Platão, na tradição ocidental, podemos afirmar que o estudo dos gêneros textuais tem cerca de vinte e cinco séculos. Mas é com Aristóteles que se inicia uma tradição mais ordenada sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso.

Aristóteles elencou como gêneros de discurso retórico: o deliberativo, que, voltado para o futuro, servia para aconselhar/desaconselhar; o judiciário, que, refletido no passado, pretendia acusar ou defender; o demonstrativo, que, situado no presente, valia para elogiar ou censurar.

Ainda que esse filósofo tenha formulado um estudo sistemático dos gêneros, foi na literatura que o rigor da classificação aristotélica se consagrou. Machado (2006) afirma que uma prova desse estudo está no fato de a teoria dos gêneros ter se tornado alicerce para os estudos literários que se desenvolveram no interior da cultura letrada. Segundo a autora, “a emergência da prosa passou a reivindicar outros parâmetros de análise das formas interativas que se realizam pelo discurso” (MACHADO, 2006, p. 152) e os estudos realizados por Bakhtin sobre os gêneros discursivos estão inseridos no campo dessa emergência.

Para Bakhtin (2003), todos os campos da atividade humana estão relacionados aos usos que o homem faz da linguagem. Os aspectos e as formas desses usos são multiformes, bem como os campos da atividade humana, entretanto, isso não contradiz a unidade nacional de uma língua. Esse emprego se dá na forma de enunciados, sejam eles orais ou escritos. O campo de comunicação, no qual se desenvolve o vínculo entre atividade humana e uso da língua, circunscreve os gêneros



do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados, conforme Bakhtin (2003). O autor observa que cada campo reflete condições específicas e finalidades postas pela construção composicional, pelo conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem.

A diversidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) expressa um universo infinito “porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 262). À medida que o campo de atividade se complexifica, o repertório de gêneros cresce e se desenvolve. O autor inclui nesse campo de atividade humana o relato do dia a dia, a carta, documentos, manifestações publicistas, manifestações científicas, gêneros literários. A heterogeneidade é tanta, afirma Bakhtin (2003), que torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios.

Bakhtin (2003) aborda a importância de atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) como princípio que auxilia na dificuldade em definir a natureza geral do enunciado. Trata-se de analisar o processo formativo e as condições que propiciam o surgimento dos gêneros discursivos secundários (complexos). O autor pondera que o desenvolvimento, a organização e a complexidade da cultura, isto é, a inesgotável e multifacetada atividade humana, criam as condições para o surgimento dos gêneros discursivos secundários (complexos). Entretanto, a base de sua formação encontra-se na incorporação e reelaboração dos “diversos gêneros primários (simples) formados nas condições de comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2003, p. 263).

Schneuwly (2004) delinea dois níveis de ruptura provocados pelos gêneros secundários (complexos). O primeiro relaciona-se ao fato de eles não estarem mais ligados de maneira imediata a uma situação de comunicação, pois resultam de uma construção complexa de vários gêneros cotidianos. O segundo nível vincula-se ao fato de que sua apropriação não pode mais se fazer diretamente, partindo de situações de comunicação.

Nessa perspectiva, Bakhtin (2003) designa os gêneros primários como comunicação verbal espontânea e os secundários como comunicação verbal não espontânea. Os primeiros por se constituírem em uma situação imediata e os segundos por se constituírem em circunstância cultural mais complexa.

A suspensão da vida cotidiana ou, em outros termos, a ruptura com a heterogeneidade imediata, espontânea, utilitária da cotidianidade e sua incorporação e



reelaboração pelos gêneros secundários, transforma os gêneros simples em expressões dos enunciados secundários (complexos).

Afirma Marcuschi (2008) que a produção linguística permite uma inúmera variedade de gêneros textuais, isso porque, segundo o referido autor, quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas uma maneira de realizar linguisticamente objetivos específicos em determinadas situações.

Para o referido autor, consideramos gêneros textuais:

telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante (MARCUSCHI, 2008, p. 155) [grifos do autor].

O autor defende, como Bakhtin (2003), que todas as atividades humanas estão ligadas ao uso da língua que se efetiva por meio de enunciados orais e escritos. Trata-se de formas orais ou escritas estáveis e, além disso, histórica e socialmente situadas. Não se pode abordar o gênero textual sem considerar a sua realidade social e a sua relação com as atividades humanas. Os gêneros não devem ser tratados como estruturas rígidas, mas como entidades dinâmicas. São formas cognitivas, culturais de ação social corporificadas de um modo particular de linguagem.

Nessa concepção de gêneros textuais ligados à realidade social e, conseqüentemente, relacionados às atividades humanas, abordamos o objeto de estudo desta pesquisa: o relatório.

Trata-se de um gênero cujas variações vão desde o registro realizado por um técnico, após visita a determinado espaço, com a finalidade de inspeção, até o relatório científico, realizado por pesquisadores para divulgação de investigações acadêmicas. Segundo Cavalcante (s/d), os relatórios são escritos com a finalidade de registro e de divulgação de dados técnicos obtidos e analisados.

Segundo a referida autora, um relatório passa por três etapas: (a) **plano inicial** que determina suas intenções e seu percurso; (b) **coleta e organização de material** que visa à ordenação e ao armazenamento do material necessário ao desenvolvimento do relatório; (c) **redação** que objetiva a escrita/registro após uma determinada experiência.

Medeiros (2006) ressalta que o gênero relatório é aquele cujo interlocutor deseja ser informado de algo. Portanto, na produção do gênero relatório, é necessário



considerar a finalidade do gênero e, também, conhecer o interlocutor para que a linguagem possa ser adequada a ele.

Os gêneros textuais aqui analisados, elaborados pelos alunos pesquisadores no âmbito do Programa Bolsa Alfabetização, têm como finalidade apresentar os resultados da intervenção do professor regente em contexto de alfabetização.

Uma proposta de análise

Para a análise realizada nesta pesquisa, foram selecionados dois relatórios de atividades, elaborados por alunos pesquisadores do Programa Bolsa Alfabetização, entre um universo de dez textos. Esses relatórios são resultado de observação e acompanhamento da intervenção do professor regente, no processo de alfabetização de crianças entre 6 e 8 anos.

Consideramos a prática de relatório, conforme Marcuschi (2008), como formas cognitivas, culturais de ação social corporificadas de um modo particular de linguagem. Bakhtin (2003) evidencia uma sistematização para esse modo particular de linguagem. Segundo o autor, os gêneros apresentam: *construção composicional*, *conteúdo* (temático) e *estilo da linguagem*. Neste trabalho, servimo-nos basicamente da análise de dois relatórios considerando a construção composicional e o conteúdo temático¹.

Vimos que os relatórios, produzidos por aluno dos cursos de Pedagogia e de Letras, apresentam divisão canônica em: introdução, desenvolvimento e conclusão. Do ponto de vista da construção composicional, observamos o modo típico de organização do gênero, ou seja, os alunos sistematizam o texto, tendo como ponto de partida sua estruturação. Reconhecem que o gênero textual relatório não é estruturado na atividade imediata e cotidiana de produção da linguagem, mas é resultado de uma construção que se constitui em situação cultural complexa, a saber: o espaço acadêmico.

Ressaltamos que o gênero textual relatório visa à divulgação e sistematização de observações e análises e esse aspecto não é evidenciado nas produções dos alunos pesquisadores. Haja vista a análise do conteúdo (temático).

¹ O estilo em Bakhtin (2003) engloba a noção de expressividade enquanto manifestação da valorização do locutor frente seu objeto de discurso. Engloba, também, o dialogismo, considerando a relação do locutor com seu interlocutor, sua percepção/recepção a partir do gênero selecionado. Para o autor, estilo é individual, mas também é coletivo, uma vez que se constrói na alteridade, na relação com o outro. Não trataremos, neste trabalho, da análise de estilo por considerarmos que não estão nos objetivos da pesquisa esta abordagem.



Sobre esse, destacamos que os relatórios deveriam apresentar os resultados de observação e análise de intervenções do professor regente, em situações de leitura e escrita, em classes de alfabetização. Para tanto, o aluno pesquisador selecionaria situações específicas de trabalho do professor, com base na leitura e escrita de gêneros textuais e, após observá-las e analisá-las, deveria elaborar a sistematização por meio do gênero textual relatório.

Para fundamentar as observações e análises, os alunos partem de um referencial teórico prévio² para realizar, por meio do relatório, o que chamamos, no Programa Bolsa Alfabetização, de “tematização da prática”. Essa tematização significa reflexão e análise de atividades realizadas pelo professor em sala de aula.

No caso dos relatórios analisados, não são evidenciadas análises das intervenções dos professores. O que observamos são descrições gerais da prática do professor alfabetizador:

Vejamos dois exemplos:

Relatório 1:

“No texto de instrução ela utilizou alguns jogos de mesa para trabalhar a questão das regras e como jogar. A proposta foi de que os alunos lessem o manual de instruções para os colegas do grupo de um determinado jogo e discutissem quais seriam as regras. Para tanto, tinham que escrevê-las para servir de registro. Dentro dessa atividade eles puderam aprender a função desse gênero assim como a forma de construção do mesmo.”

Relatório 2:

“(…) a Professora X, todos os dias e colocando a data na lousa, geralmente e trabalhando as atividades do livro didático Y, o professor faz a leitura com os alunos explica o que exercício que precisa ser feito.”

O primeiro relatório apresenta tanto as orientações da professora regente para o trabalho com textos de instrução quanto o resultado geral dessa atividade. Entretanto, não apresenta análise das intervenções do referido professor, no decorrer da atividade, e, também, não determina o que efetivamente os alunos aprenderam. O segundo relatório expõe, de maneira generalizada, a rotina do professor regente. Não apresenta pontualmente o tipo de atividade desenvolvida para uma possível tematização da prática.

Do ponto de vista do conteúdo temático solicitado para a elaboração do gênero em questão, as produções textuais dos alunos pesquisadores do Programa Bolsa Alfabetização não assinalam reflexão, nem análise das intervenções feitas pelo

² As análises dos alunos deveriam ter como base as contribuições de autores como Délia Lerner, Emília Ferreira, Ana Teberosky e Telma Weisz, pesquisadoras da alfabetização.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



professor regente nas salas de alfabetização. Esses aspectos denotam as dificuldades dos alunos com relação à observação da prática, à sistematização dos dados e à análise das intervenções realizadas pelos professores e sinalizam os aspectos a serem desenvolvido nas orientações realizadas com os professores orientadores.

Considerações finais

Consideramos, conforme Kleiman (2007), que leitura e escrita só podem ser consideradas práticas sociais se o sujeito souber como agir discursivamente em uma determinada situação, por meio de um gênero específico. Isso porque os gêneros são unidades importantes no planejamento do discurso em uma dada situação de produção da linguagem.

No caso dos textos analisados, embora os bolsistas reconheçam a estrutura canônica de um texto acadêmico-científico (introdução, desenvolvimento, conclusão), em situação específica de produção de relatório, eles não demonstram desenvoltura acerca de:

- planejamento, intenções e coleta de material;
- redação com fins de sistematização e análise do material coletado acerca das intervenções realizadas pelos professores no processo de alfabetização das crianças da rede pública estadual.

Diante do exposto, esperamos que a análise ofereça perspectivas aos professores orientadores de Instituições de Ensino Superior quanto ao ensino de gêneros textuais da esfera acadêmica no âmbito do Programa Bolsa Alfabetização. Sugerimos que a produção do aluno pesquisador seja utilizada como corpus para reflexão e análise. Entendemos, portanto, que o trabalho com atividades baseadas em textos dos próprios alunos possibilita a estes conceber a língua não como capacidade mental de correspondência com a realidade, mas como atividade realizada por sujeitos sociais e históricos em interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Juliana Alves. **Ações do professor e do universitário nas práticas de ensino e de aprendizagem da escrita acadêmica: o papel da avaliação e da reescrita no processo de apropriação do gênero resenha.** Eutomia, v. 13, Recife, p.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



543-561, jul. 2014.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUCA, 2009.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **Artigo científico e relatório**. Curso técnico em segurança do trabalho. Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), s/d. Disponível em: http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_amb_saude_seguranca/tec_seguranca/portugues/301012_leit_p_text_a10.pdf. Consulta feita em 05 de setembro de 2014.

KLEIMAN, Ângela B. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/portal/>, consulta feita em 05 de setembro de 2014.

MACHADO, Irene. **Gêneros discursivos**. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDEIROS, João Bosco. **Correspondência: técnicas de Comunicação criativa**. 18ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.